

Sobre Breve história da Inglaterra, de Elvio Funck

Sandra Sirangelo Maggio¹

Elaine Barros Indrusiak²

Resumo: Trata-se de um comentário sobre a obra *Breve história da Inglaterra*, escrita por Elvio Funck e publicada pela Editora Movimento em 2012, com uma segunda edição revisada lançada em 2014. Em menos de um ano a primeira edição esgotou-se, sendo a edição lançada com o dobro de exemplares da tiragem inicial. Seguem aqui algumas observações sobre o livro, comparando sua proposta às de três clássicos do assunto, escritos respectivamente por Winston Churchill, André Maurois e Anthony Burgess. São também feitas ponderações sobre os possíveis motivos pelos quais o público tem-se mostrado tão receptivo a essa publicação.

Palavras-chave: História da Inglaterra, Recepção, Leitura, Elvio Funck.

Apesar do adjetivo no início do título, o livro *Breve história da Inglaterra*, do Professor Elvio Antonio Funck, tem 407 páginas. O volume foi lançado em 2012 na Feira do Livro de Porto Alegre, numa parceria da Editora Movimento com a EDUNISC. Em menos de um ano, a obra atinge sua segunda edição, recebendo alguns acréscimos e uma meticulosa revisão por parte do autor e do criterioso editor, Professor Carlos Jorge Appel. Ocorre também uma mudança na imagem da capa. A edição de 2012 mostra o quadro 157 do acervo da *National Portrait Gallery* de Londres, um retrato do Rei Henrique VIII pintado por Hans Holbein em 1536, enquanto a segunda edição apresenta a Rainha Elizabeth II, em retrato de 1955 pintado por Pietro Annigoni. *Breve história da Inglaterra* tem formato 16x23 cm e o seu preço é subsidiado, custando R\$ 35,00 em razão da atenção que a Editora Movimento costuma ter para com suas obras educacionais.

O propósito e a estrutura do livro de Funck fazem lembrar o clássico *English literature*, de Anthony Burgess (1958), que exhibe uma visão panorâmica da história das literaturas das Ilhas Britânicas, com foco na Inglaterra. O livro de Funck conta

¹ Professora Associada UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Letras – Departamento de Línguas Modernas – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil – Cep 91540-000 – maggio@cpovo.net

² Professora Adjunta UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Letras – Departamento de Línguas Modernas – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil – Cep 91540-000 – elaine.indrusiak@ufrgs.br

com 72 ilustrações e inicia apresentando um sumário estendido, de seis páginas, no qual é feita a síntese do conteúdo de cada seção. As primeiras 24 páginas mostram a Inglaterra de antes da conquista normanda. A partir daí, cada capítulo leva o título de um dos quarenta monarcas ingleses, iniciando com Guilherme, o Conquistador, no ano 1066, e chegando até o momento atual, aos 61 anos do reinado de Elizabeth II. A bibliografia utilizada por Funck traz os clássicos sobre a história da Inglaterra, e os anexos oferecem indicações bibliográficas específicas para quem deseja aprofundar as leituras sobre esses quarenta monarcas. Há também uma listagem com cerca de cem sugestões de filmografia referentes aos assuntos tratados; um comentário sobre o papel dos romances históricos; sugestões de tópicos para consulta via Internet e uma cronologia simplificada da genealogia da família real inglesa, em formato de árvore, partindo de Guilherme, o Conquistador, e chegando até sua descendente Elizabeth II. Como brinde, o lado interno das capas traz 126 pequenas imagens de escritores, informando o nome de cada um e as datas de nascimento e morte.

Um dos motivos pelos quais *Breve história da Inglaterra* tem sido tão procurado é o fato de a obra estar aberta para dois tipos de público: o leigo, que deseja se instruir ou entreter com uma leitura agradável, e o dos profissionais da área, que conhecem a importância e a autoridade de Elvio Funck. Afinal, não é qualquer professor de professores que pode se aventurar a escrever sobre a história da Inglaterra, tarefa exercida anteriormente por autores como o acima referido Anthony Burgess, André Maurois, ou Winston Churchill. O que é que o Professor Funck poderia oferecer que ainda não tenha sido feito por esses grandes nomes? O que é que ele poderia nos dizer que ainda não tenha sido dito?

Pois *Breve história* atualiza as obras de seus precedentes em pelo menos três aspectos. O primeiro é a indicação, feita ao longo de todo o livro, de *sites* da Internet que desenvolvem, aprofundam e amparam os assuntos tratados. O segundo é a referência constante a filmes, documentários e obras de arte que dialogam com os fatos históricos trabalhados. O terceiro é o fato de o foco do livro fazer contraponto com a história do Brasil. Funck estabelece constantes paralelos que significam muito para o nosso público específico, apresentando ligações entre fatos da realidade inglesa e da brasileira como, por exemplo, o pano de fundo da vinda da Família Real para o Brasil, ou os motivos pelos quais o município de Londrina, no Paraná, tem o nome que tem.

Caso alguém resolvesse ler todos esses quatro autores, Churchill, Maurois, Burgess e Funck, adquiriria uma visão mais aprofundada da história da Inglaterra, pois os ângulos de abordagem são distintos. A obra *A history of the English speaking peoples* (1956) se alicerça no profundo conhecimento de Churchill sobre detalhes da vida e da história inglesas e também na sua profunda experiência sobre as políticas europeia e mundial. O ponto de vista de Churchill é marcadamente eurocêntrico, aristocrático e de direita. Isso acrescenta um desafio para o leitor brasileiro atual, o de fazer a análise do discurso do texto de Churchill, que contrasta flagrantemente com as ideias que mantemos sobre alteridade, multiculturalismo e pós colonialismo.

História da Inglaterra (1937), de André Maurois, apresenta os fatos de sempre, mas narrados por um francês. França e Inglaterra têm culturas fortes, ambas se situam num espaço físico pequeno e são países próximos um do outro. Se um dos lados afrouxasse a guarda, poderia ser dominado pelo outro. Essa é a relação entre os dois países, sempre juntos e sempre em guerra, mas são guerras que nunca atrapalham o intenso intercâmbio cultural que mantêm. As percepções de mundo francesa e inglesa são invariavelmente opostas. Aquela porção de água que separa os dois países, por exemplo, é chamada na França de Canal da Mancha e na Inglaterra de Canal Inglês. Para os franceses, a palavra Waterloo evoca a ideia de derrota. Nas Ilhas Britânicas ocorre o contrário, pois Napoleão foi derrotado duas vezes pelos ingleses, uma em 1805, na Batalha de Trafalgar, em que o Almirante Horatio Nelson perdeu a vida; e outra na Batalha de Waterloo, em 1815, que foi a última luta travada por Napoleão, derrotado então pela frota britânica, sob o comando do Duque de Wellington. Esse episódio, para os ingleses, representa o troco para tudo o que simboliza a Tapeçaria de Bayeux, aquele bordado do século XI de quase setenta metros que narra, através de imagens, a derrota e morte do rei anglo-saxão Haroldo II durante a Batalha de Hastings e o triunfo de Guilherme, Duque da Normandia.

Já no livro *English literature*, de Anthony Burgess (1958), como aponta o título, a História é trabalhada como pano de fundo para a produção literária que a ela está ligada. O livro foi escrito quando Burgess estava lecionando em uma faculdade da Península Malaia e percebeu que seus alunos precisavam de reforço com respeito à história e à cultura da literatura inglesa, que estavam estudando como literatura estrangeira. É assim que o escritor inglês passa a contar sobre o seu mundo para os alunos malaios. À revelia das melhores intenções de Burgess, contudo, sua percepção

eurocêntrica transparece nos momentos mais curiosos, como na tabela que finaliza a obra e que liga os fatos literários e históricos das Ilhas Britânicas aos do resto do mundo. Em inglês, a diferença entre as palavras **murder** e **assassination** é que a primeira é usada para pessoas comuns e a segunda para pessoas politicamente importantes. Pois nessa tabela Burgess usa o termo **assassination** ao se referir ao que ocorreu com Abraham Lincoln, Martin Luther King e John Kennedy. Mais adiante, quando comenta sobre a morte de Che Guevara, a palavra usada é **murder**. São precisamente os detalhes referentes aos diferentes pontos de vista que tornam esse material tão rico para o estudo de leitores e pesquisadores de nossa época.

Enfim, o que têm em comum – ou de diferente – esses quatro autores, Churchill, Maurois, Burgess e Funck? Para começar, os quatro nos oferecem leituras deliciosas. A história da Inglaterra já é por si só suficientemente atraente para prender a atenção do leitor mais dispersivo. Quando apresentada por esses autores, que têm estilos tão claros, diretos e elegantes, esse poder de atração cresce mais ainda. Apesar de percorrerem a mesma estrada, cada um fixa o olhar em partes diferentes do trajeto, ou apresenta considerações que fluem de forma independente das dos demais.

Para finalizar, retornamos à questão sobre o que teria feito com que a primeira edição de *Breve história* se esgotasse tão rapidamente. Além dos motivos mencionados (o assunto é fascinante e o livro é bem escrito), resta ainda o principal: o Professor Funck é intensamente querido pelos milhares de ex-alunos e centenas de colegas que arrebanhou ao longo de mais de cinco décadas de docência. Depois de se aposentar, em 2008, escrever parece ter sido a maneira que Elvio Funck encontrou para continuar ensinando. Tanto suas traduções interlineares de peças de Shakespeare (seis no mercado, uma no prelo, sete em construção e muitas outras na fila de projetos) quanto este *Breve história da Inglaterra* são, na verdade, novas aulas de um grande professor, ministradas com a autoridade de quem tem trabalhado duro e com prazer desde a juventude até a idade madura. Se levarmos em consideração o grande trunfo dos professores, que é o poder da multiplicação do conhecimento, as novas tiragens dos livros de Funck vão continuar se esgotando bem rapidamente.

Referências Bibliográficas

BURGESS, A. **English literature**. (1958) Londres: Longman, 1976.

CHURCHILL, W. **A history of the English speaking peoples**. 4 vol. (1956) Nova York: Barnes & Noble, 1993.

FUNCK, E. A. **Breve história da Inglaterra**. Porto Alegre: Movimento/EDUNISC, 2012.

MAUROIS, A. **História da Inglaterra**. (1937). Traduzido do francês por Carlos Domingues. Rio: Pongetti, 1959.